

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELEM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

Nº 46

27, JANEIRO, 1971

O FENÔMENO DA GRILAGEM NA CIDADE DE BELEM
(NOTA PRÉVIA)

LOURDES GONÇALVES FURTADO (*)

Museu Goeldi

INTRODUÇÃO

Em determinados pontos da cidade de Belém, capital do Estado do Pará, erguem-se *núcleos* (1) habitacionais de má qualidade, geralmente em terrenos alagadiços da periferia da cidade e, em alguns casos, no eixo da expansão urbana de Belém em direção à estrada Belém-Brasília.

No primeiro caso colocamos o *Núcleo Ubá*, situado num determinado bairro de Belém, periodicamente alagado, cujos prédios, em sua maioria são do tipo palafita; *Núcleo Barreiral*, terreno ocupado por barracos, que se estende a partir das adjacências da rua do Fio até a rodovia A.B. cortado pelo igarapé do Una. É uma área que sofre influência das marés, por isso também alagadiça com algumas diferenças do *Núcleo Ubá*, o qual se acha quase totalmente alagado, ou melhor dentro d'água. Ainda nos reportando ao primeiro caso, apontamos como exemplo, áreas que estão localizadas às proximidades da estrada Bernardo Sayão, mais conhecida como Estrada Nova.

Para o segundo caso, colocamos um *núcleo*, ao qual chamamos de *Areial*, surgido dentro dos limites de uma instituição pública, vinculada ao Governo Federal, situada no bairro

(*) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) — Termo usado para designar inicialmente os lugares de incidência de grilagem.

ro M., onde se acham instaladas as tôrres de transmissão telegráfrica. O terreno limita-se com a rua da Jaqueira e com a estrada do Acesso. Dentro, pois, dêstes limites floresceu um *núcleo* habitacional de tipo favela, com muita semelhança aos núcleos de mocambeiros do Nordeste brasileiro, pela construção e cobertura dos barracos. É possível que outros *núcleos* existam, às proximidades do eixo de expansão da cidade de Belém, todavia, ainda não investigamos.

A existência dêstes *núcleos* levou-nos a projetar o seu estudo (2). Começamos a fazer buscas de ordem teórica e prática e verificamos, não obstante a existência de vários estudos sôbre favelas, inclusive no Brasil, que nada havia publicado sôbre o fator indutor de favelamento — a Grilagem. Acreditamos ser um fenômeno ocorrente em muitos países devido ao crescimento vegetativo da população mundial.

Em nossa busca para uma análise do fenômeno grilagem como um fator indutor de favelamento, encontramos Charles Abrams, técnico em assuntos de terras e moradia, que os estudou de maneira ampla (3). Segundo êste autor, o problema ocorre “onde quer que tenha havido uma entrada em massa de pessoas oriundas do meio rural para as cidades” (1967 : 26), em demanda de emprêgo ou por outros fatores de seu interêsse, cujas conseqüências consistem no aparecimento de grande número de casas precariamente contruídas, altamente superlotadas e dotadas de deficientes condições para moradia. É o que no Sul do Brasil se conhece por favela. Por sua ocorrência em vários países, principalmente nos da América Latina, procuramos estudá-lo a fim de sabermos o seu processamento em têrmos brasileiros, já que existe um número representativo de favelas no Brasil. Para

(2) — Elaboramos o projeto de pesquisa na DA do Museu Paraense Emílio Goeldi sob a orientação do Dr. Eduardo Galvão, Chefe da Divisão de Antropologia, em 1969, após a realização do curso de Pesquisa Social em convênio com a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM).

(3) — Em seu livro, “Habitação, desenvolvimento e urbanização”, Charles Abrams dedica um capítulo à grilagem, em têrmos de Paquistão, Filipinas, Venezuela e Jamáica.

tal, conseguimos localizar o fenômeno da grilagem na cidade de Belém, capital do Estado do Pará. Escolhemos, três áreas, duas das quais, as mais próximas do centro da cidade, em terrenos alagadiços e a outra, mais distante do centro comercial da cidade, em terreno bastante seco e arenoso. A razão da escolha está no fato de serem *núcleos* relativamente delimitados, com um índice populacional bastante elevado, em relação ao seu espaço, com tendências a um crescimento acelerado principalmente os *núcleos* do *Barreiral* e do *Areial*, este, no bairro M.

A grilagem, porém, não se evidencia apenas em *núcleos* desses tipos, pois o simples dormir nas ruas, o dormir ou morar em baixo de árvores constituem, também, uma forma de grilagem. Entretanto, é um outro tipo que ainda não examinamos.

A pesquisa tem como finalidade examinar se tais *núcleos* surgiram de fato em função da grilagem; fatores impulso-nadores; suas conseqüências de ordem social; as características de cada *núcleo* estudado do ponto de vista comparativo; e o comportamento das pessoas residentes nesses "aglomerados" (4).

Como trabalho pioneiro, em termos de Belém, é nossa preocupação demonstrar a existência do problema nesta cidade, reservando para futuro uma análise mais acurada do assunto.

Com respeito às áreas de pesquisa, procuramos obter dados estatísticos relativos ao número de barracos construídos. Todavia, os censos do IBGE não os apresentavam especificamente. Recorremos à Campanha de Erradicação da Malária (CEM), que, por ser um órgão cuja ação se estende à toda cidade, possivelmente nos poderia fornecer os dados necessários. No entanto, apesar da boa vontade dos funcionários

(4) — "Aglomerado" é a terminologia usada pela COHAB-Pará, no Relatório de uma pesquisa sócio-econômica realizada no Aglomerado da Marechal Hermes (1965 : 4), na cidade de Belém. Adotamos o termo por acharmos adequado à nossa finalidade e mesmo por apresentar certa identidade com o termo usado por nós para designar as áreas de grileiros.

daquela Instituição, as referências obtidas foram escasas (5). Chegamos à conclusão de que deveríamos fazer nosso próprio levantamento para a obtenção do universo de moradia de cada um dos *núcleos*.

Utilizamos como instrumento de pesquisa o formulário, por ser a melhor maneira de obtermos informações mais precisas e reais, o que talvez não as conseguiríamos através do questionário, devido ao baixo nível de instrução dos moradores dos respectivos locais.

O formulário constou de 52 quesitos, o que nos permitiu uma visão da grilagem em Belém e de outros fatores à ela inerentes. Entre os itens do formulário, salientamos os que tratam do modo como foi feita a ocupação no local; nível de instrução, procedência para o *núcleo*; local de nascimento; mobilidade em Belém, etc.

Ao percorrermos inicialmente as áreas de pesquisa : *núcleos Ubá, Barreiral e Areial*, computamos respectivamente, 152, 624 e 200 barracos, construídos nas mais variadas formas e, como resultante, obtivemos um universo de 976 barracos para as três áreas. Dêsse universo, determinamos 25% para a aplicação dos formulários que totalizaram 244. A utilização dêsse percentual justifica-se por parecer-nos u'a amostragem significativa para obtermos o resultado desejado e para fazermos uma generalização do fenômeno em Belém, do ponto de vista científico.

O mesmo percentual (25%), foi usado para cada núcleo. Aplicamos no *núcleo Ubá* 38 formulários, 156 no *Areial* e no *Barreiral* um total de 50 formulários. Como podemos notar, o percentual de 25% se manteve constante em cada área de pesquisa. A escolha dessa percentagem foi adotada para efeito de estudo comparativo.

A pesquisa de campo foi iniciada em março de 1969 e concluída em junho do mesmo ano. Concomitantemente, era

(5) — Ao recorrermos à Campanha de Erradicação da Malária (CEM), recebemos, através do engenheiro responsável pelo serviço de detetização, um croquis da área correspondente ao *núcleo Ubá*. Entretanto, ao observarmos o local, verificamos que o referido croquis não se identificava com o trecho objetivado.

processada a revisão dos formulários aplicados, a fim de sanar em tempo qualquer dúvida ou falha suscitada na coleta dos dados.

A apuração e revisão dos dados coletados processou-se manualmente com a participação de uma equipe constituída por alunos das Faculdades de Filosofia e de Serviço Social, da Universidade Federal do Pará (6).

Para designar os locais da pesquisa, usamos nomes fictícios para não comprometer os informantes. Qualquer identidade possível, consideramos mera coincidência.

CONCEITUAÇÃO

O processo ocupacional das terras por invasão em áreas urbanas é conhecido sociologicamente por Grilagem (Abrams 1967 : 26), sejam os terrenos invadidos — “grilos” de propriedade pública ou privada. Por ilação, todo indivíduo que assim o faz é chamado “grileiro”.

O fenômeno da grilagem se caracteriza pela “apropriação forçada de terras por pessoas que não tendo nem chão nem lar, buscam um abrigo” (ibid : 28) e ocorre, via de regra, em áreas urbanas de domínio público ou particular, preferencialmente nas primeiras, onde a possibilidade de expulsão e menor em relação às segundas (7).

Acreditamos ser a grilagem um problema não exclusivo de países subdesenvolvidos, pois em alguns países, como nos

(6) — A coleta do material de campo foi realizada em conjunto com Ana Rita Ayres Pereira, Maria da Conceição Frazão Batalha, Maria da Conceição Santana e Maria José Carvalho Brabo, universitárias e estagiárias da Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, às quais deixamos os nossos sinceros agradecimentos. Agradecemos também aos pesquisadores Protásio Friel, Samuel Sá, Pedro Salles; às bibliotecárias Clara Galvão, Julieta Frazão Batalha e ao desenhista Guilherme Leite, a colaboração prestada durante a pesquisa, bem como a tôdas outras pessoas que, direta ou indiretamente, emprestaram sua cooperação.

(7) — Em nosso estudo focalizamos o *pequeno grileiro*, ou seja, aquêle que invadiu apenas um espaço de terra suficiente para construir sua moradia. Entretanto, há também, o *grande grileiro*, que se assenhoreia de grandes áreas de terra e depois passa a loteá-las, fazendo disso um bom negócio comercial. Porém, êste tipo não encontramos nos *núcleos* que pesquisamos.

Estados Unidos da América do Norte, onde o fenômeno ocorreu em início do século XX ao longo do rio Colorado (8). A grilagem naquela região foi tão intensa que havia grileiros em casas-reboque, grileiros lojistas e inclusive organizados em associações para a defesa dos seus direitos. Diante de tal situação, o governo negociou com os grileiros um sistema de locação (9). Ainda hoje se tem notícia da existência de favelas, nas quais, dos fatores que as impulsionam está basicamente a grilagem.

Segundo Hauser :

Apesar do equipamento urbano dos Estados Unidos ser incomparavelmente superior ao das nações subdesenvolvidas... contém uma proporção considerável de favelas e alojamentos abaixo das normas ocidentais... ainda não se demonstrou que o equipamento urbano possa ser mantido em um estado satisfatório, isto é, que o emperramento e a formação de favelas possam ser evitados (1966 : 624).

A despeito de uma programação de renovação urbana e de construção residencial ou mesmo de uma urbanização sistemática, o problema persiste. Portanto, não podemos dizer que a grilagem como tal, seja um atributo exclusivo de nações subdesenvolvidas.

A baixa incidência de grilagem naquele país e ou em outros da Europa, segundo Abrams (1967 : 26) é uma decorrência do arraigamento da legislação e dos direitos de propriedade.

Nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento a grilagem é motivada por fatores inerentes à conjuntura sócio-econômica desses países. Teoricamente ocorre sempre que haja imigração de um determinado número de pessoas que, não tendo terra nem lar, procura um abrigo em áreas mais desenvolvidas que aquelas de onde emigraram. Podemos as-

(8) — Abrams, em nota de rodapé, afirma que a "grilagem ocasional ocorre em nações mais desenvolvidas, em terras recém-irrigadas ou em florestas abertas por estradas. Mais de 11.600 hectares ao longo do rio Colorado, fechado à construção de residências no início do século, estão ocupados por grileiros que durante as duas últimas décadas se infiltraram na área e ali ficaram" (1967 : 26).

(9) — Cf. Abrams (1967 : 26) em nota de rodapé.

sim afirmar ser a grilagem uma decorrência do êxodo rural. Porém, na prática, conforme revelou nossa pesquisa, a grilagem se evidencia através de contingentes populacionais oriundos da própria área urbana, ou seja, das áreas periféricas ao núcleo de grilagem, demonstrando uma certa mobilidade dentro da cidade de Belém, em termos de moradia. Esse resultado vem comprovar uma de nossas hipóteses levantadas em termos de Distrito de Belém (10) — a grilagem não ocorre somente através de contingentes populacionais oriundos do meio rural, mas, com a presença, também, de contingentes humanos procedentes da periferia da área invadida, tida como foco de grileiros.

Por tratar-se de uma nota prévia das três áreas pesquisadas — *Ubá*, *Barreiral* e *Areial*, escolhemos esta última como ponto de referência para nosso estudo. Entretanto, não se exclui a possibilidade de recorrência às outras áreas sempre que for necessária. O motivo dessa escolha prende-se ao fato da mesma apresentar elementos mais suficientes para evidenciar o problema da grilagem, dos quais podemos partir para uma generalização concernente ao Distrito de Belém. Os elementos ali coligidos se apresentam de tal maneira que, se compararmos com os dos núcleos de grileiros existentes nas duas primeiras áreas citadas, do ponto de vista de sua origem, observamos que se incluem na mesma tipologia.

Outro fator que nos levou a tal escolha foi a comprovação de uma hipótese não pré-estabelecida, mas surgida no decorrer da pesquisa: os núcleos de grileiros tendem a aparecer às proximidades das áreas de expansão urbana da cidade de Belém. Ao mesmo tempo esta hipótese constatou a “vocação continental” (11) da cidade de Belém, em termos de expansão urbana, segundo Moreira (1966 : 52).

(10) — O Distrito de Belém compreende os 20 bairros de Belém, conforme a delimitação do IBGE. Abrange uma área de 180 km² (Tupiassú, 1968 : 19), o qual apresentava em 1950 uma população de 227.715 habitantes, crescendo em 1960 para 364.998 (ibid : 28).

(11) — “Vocação continental” ou fase continentalização é a orientação geral do crescimento da cidade de Belém, que se dá a partir dos meados do século XIX ao presente. Além dessas duas fases, existem duas ante-

FATÔRES QUE INFLUENCIAM A GRILAGEM

A grilagem é um problema social com implicações econômicas e motivado por uma série de fatores que tendem a generalizar-se para os *núcleos* onde ocorre. Consideramos como um dos fatores importantes o êxodo rural, em consequência da depressão econômica do meio rurícola, ocasionando nos centros mais evoluídos, do ponto de vista da urbanização, um acúmulo de pessoas sem qualificação profissional, o que lhes impede assumir um emprêgo com salário à altura de solucionar seus problemas mais prementes. A tendência dêsses grupos de imigrantes é situarem-se numa faixa de subemprêgo ou desemprego disfarçado. Conseqüentemente, a remuneração salarial atribuída não lhes permite adquirir moradia em áreas onde são altamente onerosas em relação ao seu nível de renda. Recorrem, então, às habitações compatíveis com suas possibilidades financeiras, conquanto contrastem radicalmente com sua condição humana. O resultado de tudo isso são os cortiços, os "aglomerados" superlotados que se levantam como símbolo de miséria, em contraposição com as moradias altamente elaboradas.

Observando o local onde se erguem os *núcleos*, notamos que êstes estão em função de algum benefício que essa localização possa oferecer para seus moradores, quer pela proximidade do local de trabalho, quer pela proximidade das escolas, ou mesmo em função da facilidade encontrada para a construção das casas em terras devolutas. Acresce ainda o espírito de aventura, ou melhor, o certo desenraizamento que pressiona determinado número de pessoas em demanda aos centros urbanizados.

Além dêsses fatores, devemos considerar que a grilagem é também um produto de escassez de terras devolutas no meio

riormente : fase Ribeirinha (da fundação de Belém até os meados do século XVIII) e a fase de Penetração (dos meados do século XVIII aos meados do século XIX). À medida em que a cidade vai se expandindo para o interior, vai-se continentalizando, deixa de sofrer as influências fluviais e passa a ser influenciada pelo continente. A Continentalização de Belém se faz sentir a partir do bairro de Nazaré em direção ao eixo viário Belém-Brasília.

urbano em função do crescimento demográfico, implicando num "deficit" de moradia. O Distrito de Belém, por exemplo, em 1950, apresentava uma população de 227.715 habitantes com uma densidade demográfica de 1.625 habitantes por km², mas, já em 1960, essa população passou a 364.998 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 2.028 pessoas por km² (Tupiassú, 1969 : 28). Entre os anos 50 e 60, o referido Distrito recebeu um incremento populacional de 137.283 habitantes. Entretanto, não podemos estabelecer, dentro desse incremento, índices para o crescimento vegetativo e para o contingente de imigrantes. Pressupomos, então, que esse incremento veio de algum modo, contribuir para a formação de *núcleos* de grileiros em áreas não atrativas para moradia de classe alta e média, e de preferência em terrenos de propriedade de instituições públicas ou mesmo de particulares, como é o caso do *núcleo Barreiral*, cujo o local é propriedade do Sr. S. P., segundo nossos informantes.

A GRILAGEM EM BELÉM

Belém vem apresentando problemas de grilagem pressionada em grande parte por esses fatores que colocamos acima. Dos vários focos de grilagem que temos notícia, os mais importantes, quer pela estrutura física, quer pelo seu tamanho populacional, são : *núcleos Ubá, Barreiral e Areial*. O primeiro e o último em áreas de domínio público, enquanto *Barreiral* se localiza em terreno de propriedade privada.

O *núcleo Ubá* está encaixado na periferia ocidental do bairro em que está inserido, cuja propriedade do terreno está vinculada ao Governo Federal através do Ministério da Marinha. A maioria das casas é do tipo palafita, dispostas de tal maneira que são periódicamente afetadas pelas marés.

O barracos foram construídos sem preocupação racional, mas, pelas observações que fizemos *in loco*, pressupomos uma acentuada espontaneidade, razão da total ausência de arruamento.

As vias de comunicação entre o *núcleo* e a terra firme, isto é, com as outras sessões do bairro onde está inserido, são representadas por pontes rústicas de madeira denominadas “estivas”. Em alguns trechos essas “estivas” são praticamente feitas de restos de tábuas, trazendo certo perigo para os transeuntes. O acesso à vizinhança (dentro do próprio *núcleo*) ocorre dêsse mesmo modo.

Com referência à idade do referido *núcleo* ainda não conseguimos dados comprobatórios, entretanto, pressupõe-se que seja bastante antigo. Segundo nosso informante, surgiu a partir de um processo de invasão por interesse dos moradores (grileiros), vinculados à atividade de construção e recuperação de embarcações de pequeno calado, somando-se ainda a facilidade que os mesmos encontraram em se apossar dos terrenos para edificação de seus barracos.

No *núcleo Ubá* a grilagem apresenta indícios de estacionamento. O *núcleo* não apresenta mais condições de crescer fisicamente porque se encontra apertado entre os terrenos já loteados e ocupados legalmente, e a baía de Guajará. A possibilidade de crescimento físico só encontra condições para o lado da baía, porém isso atualmente não é exequível. Admitimos que o *núcleo Ubá* possa crescer em termos demográficos superlotando em consequência, os barracos existentes.

FORMAS DE GRILAGEM

Para melhor compreensão do problema, estabelecemos duas formas de grilagem : *Direta* e *Indireta*.

A *grilagem Direta* se diz no sentido da ocupação das terras feitas diretamente pelo grileiro, sem intervenção de terceiros, isto é, o interessado encontra o terreno desocupado e constroi sua casa sem considerar qualquer legislação específica. Incluímos nesta categoria o grileiro *proprietário por invasão da terra*, ou seja, o dono do barraco e que se julga, também, proprietário do terreno.

Grilagem Indireta é aquela que a ocupação da terra é feita por terceiros. O grileiro não invade o terreno, mas,

compra ou aluga a casa e, em alguns casos, o terreno também. O aluguel do terreno é menos freqüente. Nessa forma inclui-se os *grileiros proprietários por compra da casa*, *grileiros locatários da casa*, e os *grileiros locatários do terreno*.

Essas duas formas de grilagem estão presentes nos três núcleos pesquisados, com certas variações quantitativas.

Pela nossa amostragem a *grilagem direta* no núcleo Ubá é da ordem de 7,89% em relação aos 38 informantes residentes. Diga-se de passagem, que êste percentual corresponde às pessoas que invadiram diretamente e ainda estão residindo no local. Todavia, a predominância não é no sentido da *grilagem direta* e sim na grilagem que rotulamos de *indireta* para a qual temos 39,4% do total de informantes.

Atualmente o núcleo Ubá possui 152 barracos habitados, cujo levantamento foi procedido por nós, dos quais 38 comportam a nossa pesquisa. Em cada barraco, habitam em média 6 pessoas. Média essa que generalizamos para todo o núcleo.

QUADRO I

N.º de compartimentos dos barracos	Número de pessoas residentes por barracos no núcleo Ubá									TOTAL
	uma	duas	três	quatro	cinco	seis	sete	oito	nove	
1 compartimento	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
2 compartimentos	—	—	2	2	1	3	—	—	—	3
3 compartimentos	—	1	4	1	3	1	1	3	5	19
4 ou + compartim.	—	—	1	3	—	—	1	1	5	11
TOTAL	—	1	7	6	4	4	2	4	10	38

O Quadro I indica que a maioria dos barracos naquêlê *núcleo*, dispõe de três cômodos para abrigar 6 pessoas em média. No mesmo quadro inserimos grileiros locatários, os quais, para Abrams, constituem uma categoria mais pobre (1967 : 37, porque nem sequer possuem uma casa própria para morar, correspondem aproximadamente, em valores relativos, a 23,68% do total. Ainda na categoria de grileiro locatário, encontramos um percentual de *grileiros locatários do terreno*, chegando à ordem de 7,89% aproximadamente. É um número bastante inexpressivo, porém, à guisa de informação, é válido.

O *núcleo Barreiral* surgiu a partir de um processo de grilagem *direta*. Entrevistamos 50 grileiros dos quais 44% são responsáveis por essa invasão ocorrida em área de propriedade privada. O *núcleo* se estende em quase todo o terreno particular, limitando-se ao norte pela rua do Sol, a qual serve de limite entre os terrenos ocupados legalmente e os de nossa pesquisa. Ao sul confina com a rua da Ponte e a leste com a rua da Estiva, ambas incluídas em nosso estudo. O limite oeste se faz com a própria rodovia A.B. O terreno é predominantemente baldio onde grande parte das moradias é do tipo palafita, pois a área é afetada pelo regime das marés através do igarapé do Una e seus pequenos braços.

Além de 44% de *grileiros proprietários por invasão direta*, 34% correspondem a *grileiros proprietários por compra de casa*, como já falamos anteriormente, são os agentes da *grilagem indireta*. Dos 50 informantes, 4% estão na categoria de grileiros locatários, logicamente podemos acrescentar na forma de *grilagem indireta*. A complementação para os 100%, diz respeito a outros tipos de grileiros, cuja abordagem só será feita quando estudarmos detalhadamente área por área de grilagem existente em Belém.

Comparando-se os índices de *grilagem direta* no *Barreiral* e no *Ubá*, vemos que esta é bem maior no *Barreiral*. Este apresenta 44% e aquêlê apenas 7,89%. A diferença é bem grande, mesmo levando-se em conta a diferença existente nos

totais para cada *núcleo* de acôrdo com a nossa amostragem. Isto pode ser explicado pelo fato de no *núcleo Ubá* não ser mais possível a expansão física da área pela falta de condições para edificação de novos barracos, enquanto isso já não ocorre no *Barreiral*, por ser uma área bastante recente em se tratando de ocupação por grileiros, sendo assim, as perspectivas de crescimento físico são mais evidentes.

Apesar da pobreza sintomática no *Ubá*, as condições ecológicas são melhores que no *Barreiral*. Entretanto, é óbvio que isso ocorra devida esta área ter sido ocupada mais recentemente que a primeira.

Um *núcleo* de grilagem que mais chamou nossa atenção em Belém é o localizado em terreno da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT), situada no bairro M. O referido terreno confina com a rua da Jaqueira, estrada do Acesso, passagem do Igarapé e Área de Matas. Tôda área invadida está visivelmente demarcada por uma cêrca de arame farpado. Ao fazermos o levantamento dêsse *núcleo* atentamos para o fato do arruamento apresentar-se mais ou menos bem traçado para uma área de grilagem. Êsse arruamento, à primeira vista, parece demonstrar uma ocupação racional. Na verdade, o que houve foi um prolongamento das ruas já existentes no bairro M. Observando o croquis anexo (fig. 1), poder-se-á notar êsse arruamento bem traçado, principalmente nas partes mais próximas da rua da Jaqueira, passagem do Igarapé e estrada do Acesso, continuando assim até a passagem do Cearense, inclusive na área invadida. A medida que se caminha para os lado da Área de Matas o referida arruamento vai se deteriorando. Tal estiolamento pode ser justificado como conseqüência da posição dêsse trecho, isto é, pelo fato de estar mais para o interior, longe das vistas da fiscalização que tenta impedir a construção de novas casas. Por êsse motivo, e também, pela própria condição do terreno, mais úmido devido a presença de riachos, a tentativa de arruamento é impedida. Aí as casas são ainda mais tôscas do que as dispostas na periferia ou no centro do *núcleo* em questão.

A área é geomêtricamente limitada por uma extensa cerca de arame farpado sustentada por moirões de concreto. Apesar disso, os grileiros ocuparam-na de tal maneira que o seu arruamento constitui um segmento das ruas pré-existentes. Diga-se de passagem, que êste percentual corresponde gens do Templo e do Igarapé. As passagens internas, Riacho e Cearense, escapam dessa segmentação, criadas pelos próprios grileiros, mantendo os barracos alinhados (est. 1b).

No momento em que procedemos nossa coleta de dados, êsse núcleo de grilagem possuía 624 casas. Acreditamos que agora o número tenha se multiplicado, pois a localização da área e as condições ecológicas respondem pelo ponto de atração que ela exerce para aquêles que estão em demanda latente de abrigo.

Trabalhamos com 25% daquêle total, o que nos permitiu ter 156 informantes. Com êste procedimento constatamos a presença do fenômeno da grilagem, cujas características podem ser comparadas com as dos núcleos *Ubá* e *Barreiral*.

Êste núcleo é o que mais se adapta à classificação tipológica de Charles Abrams (1967 : 37). Constatamos a presença de vários tipos de grileiros, cujas características estão em consonância com essa classificação. Por isso adotamos terminologias próprias para identificá-los com a sua real condição dentro do núcleo. Os tipos encontrados são os seguintes (12) :

1. Grileiro proprietário : *por invasão e por compra da casa.*
2. Grileiro senhorio.
3. Grileiro locatário : *da casa e terreno.*
4. Grileiro *arrendatário do terreno.*
5. Grileiro especulador.
6. Grileiro profissional : *merceeiro, colchoeiro, fruteiro, marceneiro, alfaiate, parteiro e auxiliar de enfermeiro.*

(12) — A classificação de Abrams estabelece os seguintes tipos de grileiros : proprietário, locatário, aproveitador, senhorio, especulador, lojista ou profissional semigrileiro, flutuante e "colaborador" (1967 : 37).

O grileiro proprietário *por invasão* é aquê que ocupa a terra, desprezando qualquer lei que regulamente o uso e posse de terra, premido, na maioria dos casos, pela necessidade de habitação. Consideramos o agente da *grilagem direta*, como já nos referimos anteriormente.

O grileiro proprietário *por compra da casa* é aquê que não invadiu diretamente a terra, mas, adquiriu a moradia já construída por terceiros. Por isso incluímos na forma de *grilagem indireta*.

Grileiro senhorio é o indivíduo que aluga barracos ou mesmo, quartos por prêços inadequados com as condições do "imóvel". Geralmente são estabelecidos há bastante tempo no *núcleo*.

A fim de verificarmos quantitativamente êsses tipos, construímos o Quadro II :

QUADRO II

Grupo de idades dos grileiros	Aquisição inicial da morada no <i>núcleo Areal</i>							TOTAL
	por conta própria	pedindo licença	comp. a casa	alugando a casa	alugando o terreno	outros tipos	sem resposta	
menos de 19 anos	2	—	6	1	—	—	—	9
20 a 30 anos	43	1	35	12	3	4	1	99
40 a 59 anos	20	1	13	3	—	—	2	39
60 e mais anos	—	—	3	—	1	—	1	5
desconhece a idade	—	—	—	—	—	—	—	—
sem resposta	—	—	—	—	—	—	4	4
TOTAL	65	2	57	16	4	4	8	156

Grileiro locatário *do terreno*, é apenas dono do barraco em que mora, mas, paga aluguel do terreno.

Grileiro *arrendatário do terreno*, aquêlo que arrendou o terreno por um determinado tempo, a fim de estabelecer sua residência. A frequência dêsse tipo é mínima.

Grileiro especulador, para o qual a grilagem é uma boa forma de comércio. Invade a terra, constrói casas e as vende imediatamente.

Grileiro profissional, seria óbvio conceituarmos aqui. A própria terminologia nos sugere sua condição (marceneiro, alfaiate, etc.).

Pelo Quadro II pode-se notar que dos 156 informantes, 41,6% são grileiros propriamente ditos, correspondem ao tipo de proprietário *por invasão*. Grande parte dêsse grupo está numa faixa etária de 20 a 39 anos, essa predominância não é somente válida para êsse grupo de grileiros, mas, para os outros, também. Uma simples verificação do Quadro II, nesse sentido, pode constatar a afirmação anterior.

Rotulamos a grilagem assim provocada, de *grilagem direta*, como já mencionamos anteriormente. Cremos que nosso conceito não distorce o conceito paralelo de Abrams, para êsse tipo. Os outros grupos ou tipos de grileiros constantes do quadro, então seriam agentes de uma *grilagem indireta*, pois não sendo invasores das terras no sentido real, contribuem para a manutenção da grilagem e para a sua expansão.

O grupo de grileiros proprietários *por compra da casa* corresponde a 36,5%, cuja margem de diferença não é tão grande entre os proprietários *por invasão* ou grileiros *propriamente ditos*. 1,2% estão classificados no tipo de grileiros ocupantes da terra mediante "licença" por parte do verdadeiro proprietário (13).

Na categoria de grileiro proprietário, o grileiro *proprietário por compra da casa* forma um número bastante expres-

(13) — A "licença" alegada pelos informantes, acreditamos ser um mecanismo de defesa contra uma provável expulsão do local, por parte do verdadeiro proprietário das terras.

sivo traduzido em 36,5% do total de informantes. Eles são, por assim dizer, um fermento forte para o crescimento da grilagem naquela área e tornam-se um ponto de atração para outros grileiros, através das informações que vão disseminando a outros desejosos de conseguir moradia mais barata e isenta dos impostos.

A primeira vista parece que os 36,5% de grileiros *proprietários por compra da casa* podem corresponder exatamente a um número de grileiros *proprietários por invasão*, todavia não podemos raciocinar por êste prisma, visto êsse percentual não ser exatamente igual para um possível número de grileiros que tenham invadido diretamente as terras. Corresponde a um número bem menor do que podemos pensar imediatamente. Pois, há grileiros em quantidade bastante reduzida que fizeram da grilagem um bom negócio para si: invadiram o terreno e começaram a construir os barracos completa ou incompletamente e os venderam a terceiros. Essas construções feitas pelos primitivos grileiros chegavam muitas vêzes até à armação do barraco, isto é, até colocação dos esteios e das ripas de cobertura, sendo o restante feito por aquêles que o comprava. A isso os informantes chamam de "benfeitoria". Indagando dos informantes como haviam adquirido suas casas, disseram-nos ter sido através da compra da "benfeitoria", e com os seus poucos recursos financeiros deram a atual feição dos barracos.

Chegamos à conclusão que aquêles grileiros responsáveis pela negociata, expressão textual de um informante, não passavam de meros especuladores. Inclusive um dêles ainda reside no local e continua fazendo tal tipo de transação comercial. Tivemos oportunidade de sentir a revolta em um dos nossos informantes, pelo procedimento de tais pessoas. Segundo o raciocínio de nosso informante, o procedimento do referido grileiro especulador, não é lícito, pois "só deve construir casa quem está estritamente necessitado". Não admite que "alguém invada um terreno para fazer negociata", mas concorda com invasão apenas para a edificação de casa para abrigar a família.

Além da categoria de grileiros proprietários, encontramos no *núcleo Areial* 11,2% de grileiros locatários. Conquanto Abrams (1967 : 37) considere uma categoria mais pobre, não concordamos plenamente com essa conceituação, pois, nem sempre o grileiro é locatário por falta de recursos financeiros, mas também, levado à essa categoria por falta de oportunidade para construir ou, até mesmo, por questão de ordem psicológica : falta de coragem para invadir sub-repticiamente o terreno e construir seu barraco. Muitas casas de grileiros locatários, foram encontrados com boa aparência, inclusive com aparelhos eletro-domésticos, móveis estofados, fogão a gás, etc., que demonstram condição financeira acima da posição de um simples e pobre grileiro. A incidência de casas dotadas de aparelhos eletro-domésticos ocorre nos trechos do *núcleo* localizados ao longo da rua da Jaqueira, utilizando a rede de energia elétrica existente. O que não ocorre no centro e nas demais artérias periféricas, por inexistência de energia elétrica.

ASPECTO DA MORADIA

A maior frequência é de casas feitas de madeira e de enchimento ou barrote. Porém, existem casas construídas de palha (fôlhas de palmeira) e de enchimento simultaneamente e até de pontas de tábas (ests. 2a, 2b, 3, 4a e 4b).

Quanto à cobertura, a quase totalidade é de palha. O mesmo ocorrendo com o piso, sendo êste de chão batido (terra).

Embora as casas do *núcleo Areial* possuam piso de chão batido, apresentam melhores condições de higiene que as dos *núcleos Ubá e Barreiral*.

As casas de enchimento ou barrote têm estrutura em estacas de madeira dispostas a receber o barro que é colocado por processo manual e por isso, são conhecidas como "casas de sopapo". Algumas pessoas procuram fazer um rebôco mais ou menos aprimorado. As portas e janelas são con-

feccionadas, em geral, de madeira simples, havendo casos em que sarrapilha e material plástico servem como tal.

A maioria das casas, segundo nossos dados, dispõe de três cômodos (sala, quarto e cozinha) para abrigar, em média, seis pessoas. Diga-se de passagem, que a sala e cozinha, vão além de sua função normal, servindo também de dormitório.

Os grileiros presentes no *núcleo Areial* são, na maioria, nascidos em outros locais do Estado do Pará, atingindo a ordem de 42,3% do total de informantes. Em segundo lugar, temos 21,1% de outros Estados, geralmente do Nordeste. Entretanto, temos também, 19,8% nascidos no próprio Dis-

QUADRO III

Distribuição da população pesquisada por domicílio no *núcleo Areial*

N.º de Domicílios	Pessoas residentes por domicílio	TOTAL
1	1	1
17	2	34
20	3	60
25	4	100
18	5	90
11	7	77
11	8	88
27	9	243
6	—	— (14)

(14) — Do total de 156 casas pesquisadas, apenas 6 se abstiveram de responder ao nosso formulário, por isso não apresentamos dados para elas.

trito de Belém. Para os nascidos no Município de Belém, calculamos 14,1%. Saliemos que êstes percentuais foram calculados aproximadamente. A distribuição de grileiros informantes por local de nascimento é a seguinte :

Distrito de Belém	31
Município de Belém	22
Outros locais do Pará	66
Outros Estados	33
Sem declaração	04
Total	156

Os percentuais que apresentamos foram calculados em termos de local de nascimento. Porém, para sabermos a procedência direta para o *núcleo*, foram êstes alterados, pois, os outros nascidos em outros Estados ou em outra região, principalmente do Nordeste, não vieram diretamente para o *núcleo* em questão. Com êsse novo procedimento, estamos interessados em comprovar uma de nossas hipóteses: *a grilagem não é apenas provocada por imigrantes do meio rural, mas, também por pessoas que se deslocam do próprio meio urbano*. Como prova, nossa pesquisa revelou que aproximadamente 78,8% dos grileiros do *núcleo Areial*, procediam de bairros do Distrito de Belém, distantes ou contíguos ao *núcleo*. Para outras procedências do Pará o percentual acusou 9,6%.

Entre as causas que motivaram a vinda dos grileiros para Belém, destaca-se a de ordem econômica. Dos informantes, 35,2% emigraram para Belém em busca de melhores oportunidades de trabalho. Enquanto outros vieram por motivos de ordem social, como saúde, educação, etc. De certo modo podemos considerar tais causas como universais, por estarem presentes em todo o processo de grilagem, comuns em todos os países subdesenvolvidos. No Brasil, por exemplo, ainda encontramos regiões atraindo contingentes populacionais das áreas menos favorecidas, superlotando os centros urbanizados, agravando o problema de desemprego, de falta de moradia e conseqüentemente, fazendo surgir as

chamadas “favelas” no sul, os “mocambos” no nordeste, os “aglomerados” ou os *núcleos* do norte.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DO “NÚCLEO AREIAL”

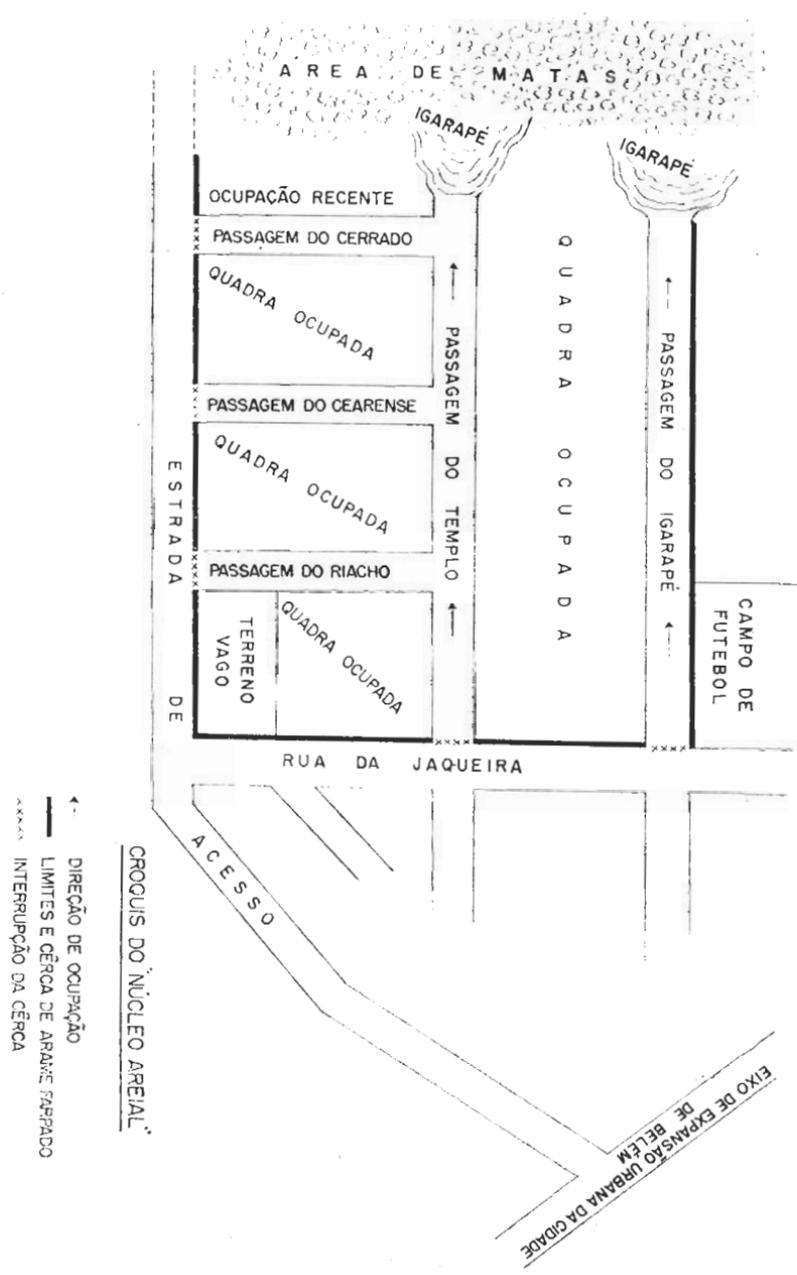
O *núcleo Areial* possui maiores e melhores condições para atrair maior número de grileiros, tais como : a) condição física do terreno, arenoso e sêco, tornando-o mais saudável em relação aos outros *núcleos* pesquisados; b) grande extensão da área, sem vigilância adequada, por parte da instituição proprietária, para impedir novas construções; c) posição estratégica do *núcleo*, por sua proximidade ao eixo de expansão da cidade de Belém.

Não existe luz elétrica nesse *núcleo*, salvo no trecho fronteiro à rua da Jaqueira. Um dos líderes do local informou-nos que algum tempo atrás, houve um movimento entre os moradores no sentido de ser instalada, pela instituição competente, uma rede de energia elétrica. Ainda que os próprios moradores tenham encaminhado o pedido à então Força e Luz do Pará, a pretensão foi negada. A iluminação das casas, via de regra, é feita por lamparinas ou de candeiros de querosene.

O *núcleo* é desprovido de água encanada, sendo o abastecimento feito por poços artificiais. Alguns barracos dispõem de poço próprio, enquanto outros utilizam os da vizinhança.

Os sanitários são precários, preparados por um sistema bastante rudimentar, cujo material empregado na construção varia conforme os recursos do morador. Geralmente são separados do corpo da casa, consistindo de um pequeno quadrado de madeira, sem soalho e, em muitos casos, desprovidos de cobertura. As privadas são bastante rústicas, compostas de apenas um caixote de madeira assentado sobre o solo.

O comércio existente no *núcleo* é representado por alguns estabelecimentos de vendas de gêneros alimentícios a



varejo, funcionando na própria residência do proprietário. Existe ainda, no setor comercial, um fabricante de colchões, um alfaiate, alguns fruteiros, marceneiros, um auxiliar de enfermeiro e uma parteira.

Teoricamente os *núcleos* de grileiros revelam uma situação de transição de moradia no meio urbano, isto é, a permanência das pessoas em *núcleos* ou “aglomerados” dessa natureza é temporária, até que consigam um novo ambiente para fixar moradia. Alimentam sempre a esperança de melhorar de *status* e libertarem-se da condição de “favelados”. Ocorre no *Areial* um fato interessante: o número de pessoas que aspiram um melhor local para moradia, é bem pequeno em relação ao número dos que desejam permanecer toda vida no “aglomerado”. Estes consideram-se moradores fixos do *núcleo* e como tal, estão dispostos a resistir qualquer tentativa de expulsão ou despêjo. Segundo alegam, é grande a necessidade de ter um teto para abrigar sua família — essa é uma alegação óbvia; suas possibilidades financeiras não permitem moradia em outro local da cidade quer por compra ou aluguel. Nesse *núcleo* o valor monetário dos barracos mesmo por compra ou aluguel, apesar do grande sacrifício que envidaram ou envidam, está ainda dentro de seus recursos financeiros. Para ilustrarmos a possibilidade de mudança dos grileiros residentes no *núcleo Areial*, elaboramos o seguinte quadro, tendo em vista o tempo de moradia no mesmo.

O Quadro IV nos indica que a grilagem no *núcleo Areial* intensificou-se a partir de quatro anos passados. Há, porém, um reduzido número de grileiros cuja ocupação dos terrenos verificou-se há mais de seis anos.

De um modo geral, os ocupantes dos terrenos da EBCT no bairro M., formando o *núcleo Areial*, tem consciência de sua situação ilegal nas terras, porém, alegam que suas necessidades superam a vigência de qualquer legislação de terras. Entre eles, não se observou qualquer identificação com o termo grileiro, isto é, não aplicam a si próprios o termo, apesar

QUADRO IV

Distribuição da possibilidade de mudança no núcleo *Areial*

Tempo de moradia no núcleo <i>Areial</i>	pretendem mudar-se	desejam permanecer	sem declaração	TOTAL
1 ano ou menos	24	66	2	92
2 anos	12	24	—	36
3 anos	2	9	—	11
4 anos	2	5	—	7
5 anos	—	1	—	1
6 a 10 anos	1	2	—	3
não sabe	—	1	—	1
sem declaração	—	—	5	5
TOTAL	41	108	7	156

dos jornais da cidade de Belém, ao noticiarem a ocupação naquela área, terem usado o termo.

SUMMARY

This is the first research of *grilagem* (squatting) taken as the clandestine possession of lands, either from public or private dominion at the city as *Belém*, Pará, Brazil.

244 formularies were handled, containing 25 items. There research areas were chosen: *Ubá*, *Barreiral* and *Areial*. 25% of the population answered the inquiries. The results show two modalities of *grilagem*: direct and indirect tenure.

Due to the local situation and social conditions, more attention is given to *Areial*, near the limits of the urban

expansion of Belém, which has the most probability to increase. For this group, based on Abrams (1967), six types were established: 1) proprietary squatter; 2) land lord squatter; 3) renter squatter; 4) tenant squatter; 5) speculator squatter; 6) crafts-man squatter.

41,6% of the 156 informants of the Aerial lived in a State Government lands without permission (direct tenure). The houses are of wood with thatched roofs, several have thatched, roofs and walls, with earthen floors.

The general results show a situation of social transition.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ABRAMS, CHARLES

1967 — *Habituação, desenvolvimento e urbanização*. Rio de Janeiro Ed. O Cruzeiro. 368 p.

COHAB - PARÁ, BELÉM

s.d. — *Relatório de pesquisa sócio-econômica da Marechal Hermes* Belém. 47 p. mimeogr.

HAUSER, PHILIP M.

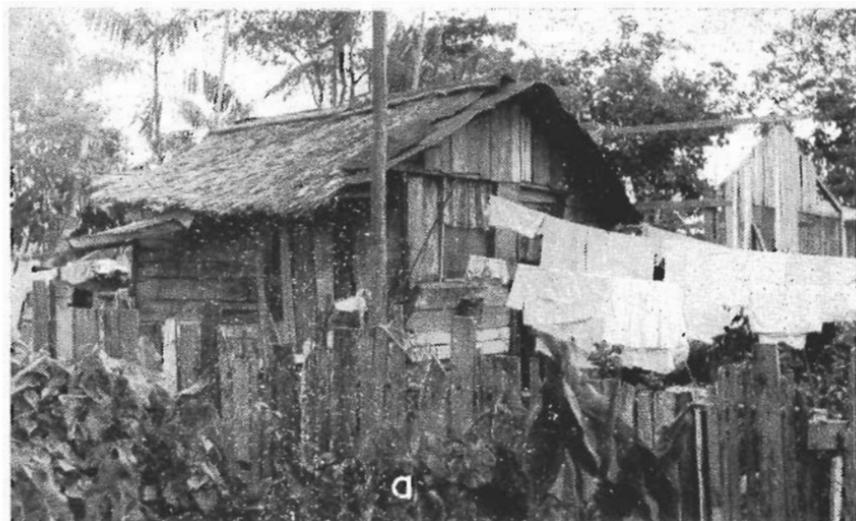
1966 — Os problemas sociais, econômicos e tecnológicos da urbanização rápida. In: HOSELITZ, B. F. & MOORE, W. E. *A sociedade tecnológica*. Rio de Janeiro, Lidaador. 2 v. (Societas, 2), v. 1, cap. 10, p. 255-79.

MOREIRA, EIDORFE

1966 — *Belém e sua expressão geográfica*. Belém, Impr. Universitária. 174 p.

TUPIASSU, AMILCAR ALVES

1968 — *A área metropolitana de Belém*. IDESP. 88 p., mapa (Sér. monografias, 1).



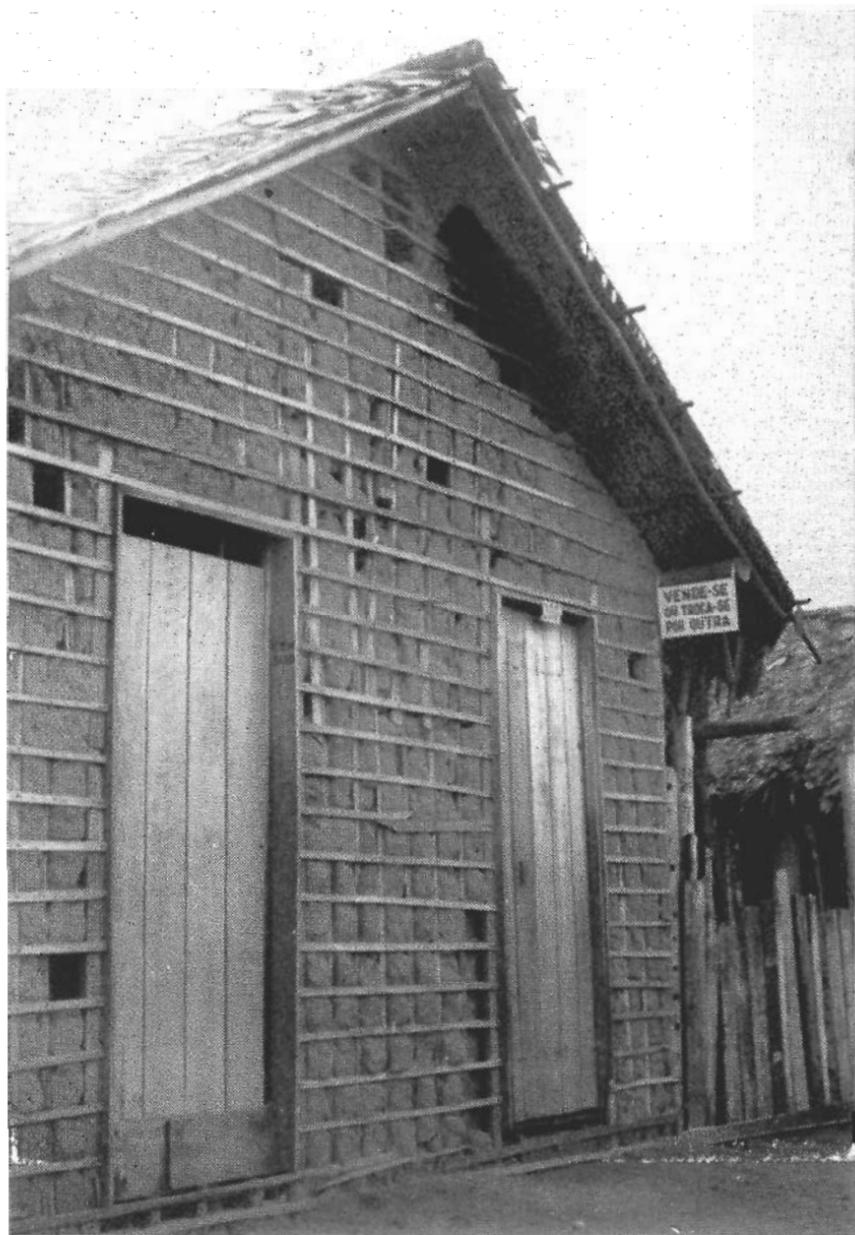
a) Habitação de grileiro do *núcleo Barreiral*. Casa de pontas de tábuas e cobertura de palha e zinco. (Foto Pedro Salles, 1969)

b) *Núcleo Areial*: passagem do Riacho (Foto Pedro Salles, 1969)

ESTAMPA 2



- a) Tipo de habitação de palha do núcleo Areial. (Foto Pedro Salles, 1969)
- b) Casa de madeira e cobertura de telha, em trecho de ocupação recente. (Foto Pedro Salles, 1969)



Habitação típica do *núcleo Areial*. Casa de enchimento ou sopapo e cobertura de palha. (Foto Pedro Salles, 1969)

ESTAMPA 4



- a) Casa de madeira e enchimento com a cobertura de palha : *núcleo Areial*. (Foto Pedro Salles, 1969)
- b) Habitação de palha e madeira com a cobertura de palha : *núcleo Areial*. (Pedro Salles, 1969)